

## AS SOLUÇÕES POLISSÊMICAS E HOMONÍMICAS EM DICIONÁRIOS SEMASIOLOGICOS <sup>1</sup>

Félix Bugueño Miranda \*

**RESUMO:** Nos estudos léxicos, um tema que ainda desperta polêmica entre os especialistas é o da homonímia e polissemia. Por um lado, não há um acordo sobre se esses fenômenos são de pertinência lingüística, na medida em que algumas teorias negam um ou outro. Do ponto de vista da lexicografia, por outro lado, o panorama tampouco oferece soluções completamente satisfatórias, já que o agrupamento de definições em torno a um único signo-lemma ou a sua distribuição em dois ou mais signos-lemma com idêntica estrutura fonológico-ortográfica nem sempre obedece a critérios lingüísticos. O objetivo do trabalho é oferecer um panorama sobre as soluções polissêmicas e homonímicas em dicionários semasiológicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** polissemia; homonímia; lexicografia

**ABSTRACT:** In the Field of lexical studies polysemy and homonymy still continue to be controversial topics. On the one hand, there is no agreement on the linguistic status of these two phenomena, because some theories deny there are part of linguistics concern. On the other hand, there is in lexicography neither good solutions, do the fact that grouping definitions under a unique lemma or grouping sets of them in two or more lemmas with identical phonological and orthographic structure is not necessary supported by theoretical founded criteria. This paper aims at offering a panorama of polysemic and homonymic arrangements in semasiological dictionaries.

**KEY-WORDS:** polysemy; homonymy; lexicography

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é um resultado parcial obtido em uma pesquisa feita no Institut für Romanistik da Universidade de Paderborn / Alemanha com o auxílio de uma bolsa de pesquisa do Convenio CAPES/DAAD. Agradeço à Profª.Dra. Jutta Langenbacher-Liebgoth o convite e o seu acolhimento acadêmico e pessoal.

\* Prof. de Língua Espanhola (graduação) e de Lexicografia (pós-graduação), Instituto de Letras, UFRGS. Doutor em Filologia Românica, Universidade de Heidelberg (RFA).

## INTRODUÇÃO

Todo e qualquer dicionário constitui um ato heurístico em um duplo sentido. Por um lado, o consulente vai ao dicionário porque quer saber algo sobre a língua (v. parágrafo seguinte para mais detalhes sobre esse aspecto). Por outro lado, o fato de procurar e encontrar a informação necessitada constitui também uma operação heurística, já que o potencial consulente deve conhecer também como o dicionário dispõe as informações. Em função disso, em Bugueño Miranda (2007) propõe-se uma série de parâmetros para disposição dos materiais no dicionário. Esses parâmetros constituem a definição macroestrutural qualitativa do dicionário e devem estar fundamentados em um algoritmo de busca (cf. BUGUEÑO MIRANDA; ZANATTA (2010, p. 82)). Ao âmbito da definição macroestrutural qualitativa correspondem a distinção entre *type* / *token*<sup>2</sup>, a exclusiva lematização de unidades léxicas não menores que a palavra<sup>3</sup>, a disposição em blocos isolados ou agrupados de lemas<sup>4</sup> e, finalmente, a disposição dos conjuntos de *Lesearten*<sup>5</sup> de acordo com a sua pertinência etimológica.

<sup>2</sup> *Type* é a forma preferencial de acordo com a norma de uso e *token* é a forma secundária ou menos preferencial. Por exemplo, a forma *louro* é a forma *type*, e a forma *loiro* a *token* (cf. Au (1999, sv.)).

<sup>3</sup> Referimo-nos ao equívoco metodológico de lematizar afixos.

<sup>4</sup> Os signos lemas podem ser tratados isoladamente (estrutura lisa) ou em blocos. Nessa segunda opção, distingue-se entre nicho e ninho léxico. As opções de nicho ou ninho léxico, por sua vez, podem obedecer a uma explicitação completa de cada signo-lema (verbetes completos) ou se limitar à lematização exclusiva do signo-lema (*run-on-entries*).

<sup>5</sup> *Lesearten*: "Possibilidades de interpretação semântica de uma expressão" [Möglichkeiten der semant. Interpretation eines Ausdrucks (...)], Glück (2010, s.v.).

De uma perspectiva complementar, um dicionário deve refletir também tanto a metalinguagem de primeiro nível (a língua objeto) como a metalinguagem de segundo nível (metodologia da linguística) (cf. BALDINGER, 1977). Assim, por exemplo, DRAE (2001, s.v.) lematiza a forma *urubu* “espécie de abutre”, sem que essa forma possa ser documentada na língua espanhola (cf. CREA). É evidente que DRAE (2001), ao lematizar *urubu*, não está refletindo a língua objeto. A formulação das definições, que seria mais apropriado chamar de “paráfrases explanatórias” (cf. BUGUEÑO MIRANDA (2009b)), constitui um problema no âmbito da metalinguagem de segundo nível. Embora não exista ainda uma teoria geral da definição, é possível afirmar que a concepção e redação de toda paráfrase explanatória deve corresponder a somatória de três variáveis: uma taxonomia de paráfrases explanatórias, um *pattern* sintático e uma teoria semântica. Somente dessa forma é possível gerar paráfrases explanatórias suficientemente elucidativas. A definição oferecida para *abacaxi* tanto em Au (1999, s.v.) como em Hou (2001, s.v.) são exemplos claros de paráfrases explanatórias de escasso poder elucidativo (Figura 1) . Junto ao fato de conter palavras de difícil compreensão e o uso de descritores semânticos pouco claros, a redação da paráfrase é excessivamente longa.

*abacaxi* Bras. Angol. Bot. Planta  
da família das bromeliáceas (*Ananas*)

*abacaxi* s.m. (a1776 cf. JDan) B 1  
ANGIOS planta terrestre (*Ananas*)



sativus), cultivada ou selvagem, cuja parte comestível é infrutescência carnosa resultante do crescimento e da coalescência de todas as flores da inflorescência. Tanto a infrutescência como o caule encerram uma enzima proteolítica que pode ter o mesmo emprego que a papaína. [Sin. (bras.): ananá, ananás, ananaseiro, nanás, nanaseiro, abacaxi-branco, aberas.] 2. A infrutescência comestível do abacaxi; ananá, ananás, nanás. 3. Bras. Gír. Coisa trabalhosa, complicada, embrulhada, intrincada: Antes de viajar, teve vários abacaxis para resolver. 4. Bras. Gír. Coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata: Aquele romance é um abacaxi; "Dois meses depois, ela telefona, em pânico: 'Vou ser mãe!' Do outro lado da linha, Sandoval explode: 'Que abacaxi!' E, então, começa a evitar a pequena." (Nélson Rodrigues, 100 Contos Escolhidos. A Vida como Ela É, II, pp. 57-58). 5. Bras. V. galego (4). 6. Bras. PE AL Dançador pesado, desajeitado.

Au (1999)

comosus) da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil, de folhas lineares com bordos espinhosos, idênticas à da coroa que encima o fruto, escapo robusto e curto e inflorescência com muitas flores, fruto medindo cerca de 15 cm; abacaxi-branco, abacaxizeiro, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananaseiro, ananás-selvagem, ananás-silvestre, nanaseiro, naná, nanás, pita 1.1 ANGIOS infrutescência carnosa e comestível dessa planta; abacaxi-branco, aberas, ananá, ananás, ananás-de-caraguatá, ananás-do-mato, ananás-selvagem, ananás-silvestre, naná, nanás, pita 2 *p.ext.* ANGIOS design. comum às plantas de diversas fam. que se assemelham ao abacaxi, seja pelo aspecto da planta ou da infrutescência 3 (sXX) *fig. infrm.* trabalho complicado, difícil de ser feito; coisa intrincada; problema 4 *p.ext. fig.* coisa ou pessoa maçante, desagradável 5 *fig. pej.* m.q. *galego* ('português') 6 (1913) *fig. PE AL* pessoa que dança mal, de maneira desajeitada e pesada □ descascar um a. *B infrm.* 1 resolver um problema difícil, trabalhoso ou extenuante 2 desvencilhar-se de uma incumbência ou situação desagradável □ ETIM tupi \**iwaka'ti* < *i'wa* 'fruta' + *ka'ti* 'que recende'; ver *iba-* e *-aba* (*in fine*); f.hist. 1899 *abacachi* □ SIN/VAR ver sinóníma de *galego* □ COL abacaxizal Hou (2001)

Figura 1

Nesse caso particular (como em muitos outros), a língua objeto está perfeitamente representada no dicionário, mas a ausência de parâmetros no plano da metalinguagem de segundo nível compromete a qualidade da paráfrase explanatória e anula,

até certo ponto, a “razão de ser” de um dicionário semasiológico, já que esse genótipo lexicográfico almeja justamente oferecer informações sobre a significação das unidades léxicas que arrola.

O objetivo do presente trabalho é analisar o que se chamará de “soluções polissêmicas” e “soluções homonímicas” em dicionários semasiológicos à luz da distinção entre “língua objeto” e “metodologia da lingüística”. A hipótese que se almeja aferir nesse trabalho é que as distinções metodológicas entre polissemia e homonímia nem sempre se podem aplicar conseqüentemente para o tratamento que o léxico recebe no dicionário, tanto em função das particularidades da língua objeto, como em função das particularidades da própria obra lexicográfica (metodologia metalexigráfica).

## **A DISTINÇÃO ENTRE POLISSEMIA E HOMONIMIA**

Corresponde à filologia, e mais precisamente à etimologia e à geografia linguística, ter se preocupado com os fenômenos da polissemia e homonímia. Segundo Bynon (1993, p. 186), dentre as contribuições de Gilliéron, a “colisão homonímica” como fator de constituição léxica é mais importante. Nesse mesmo sentido, Wartburg (1966, p. 281) se refere a esse fenômeno lexicológico como “praga da homonímia” ao analisar a evolução da língua francesa, em função das coincidências fonético-ortográficas que muitas unidades léxicas chegam a possuir tanto dentro e uma

mesma língua como entre duas (ou mais) línguas. A etimologia, por outro lado, também se preocupa da polissemia e da homonímia, tanto na sua variante “etimologia-origem”, na medida em que se preocupa com a origem “verdadeira” das palavras, como na variante “etimologia história da palavra”, ao estudar a produtividade não só morfológica, mas também semântica de uma unidade léxica.

É de se notar que o panorama oferecido centra a sua atenção principalmente na homonímia, considerada um fator “perturbador” ao interior de uma língua natural. Essa particular percepção que se tem dos homônimos está em direta relação com o tratamento lexicográfico que tanto esse fato lexicológico como a polissemia recebem.

Do ponto de vista lexicológico, a polissemia pode ser definida como “a multiplicidade de conteúdos semânticos de um signo” [*inhaltliche Mehrdeutigkeit eines Zeichens*] (cf. ULRICH (2002, s.v. *Polysemie*). Sobre essa mesma questão, Glück (2010, s.v. *Polysemie*) manifesta que “o significado dos lexemas está normalmente composto por um conjunto de significações parciais “relacionadas” que se sobrepõem em um ou vários traços semânticos e que especificam vários campos de referência parciais ou idênticos”<sup>6</sup>. A homonímia, por outro lado, pode ser definida como “tipo de multiplicidade de significação léxica, na

<sup>6</sup> [Die Bedeutung von Lexemen besteht im Regelfall aus einem Gefüge „zusammenhängender“ Teilbedeutungen]



qual se fala de diferentes palavras: as expressões homônimas possuem uma mesma forma da expressão em relação à ortografia (...) e pronúncia (...), mas com significação diferente e geralmente com origem etimológica distinta (...)”<sup>7</sup>. (BUßMANN (1990, s.v. *Homonymie*). Note-se que as definições para ambos os fenômenos oferecem dificuldades. No que diz respeito à polissemia, Glück (2010, s.v.) salienta que as diferentes significações estão “relacionadas”, uma questão que está longe de se confirmar no fato idiomático<sup>8</sup>. Sobre esse particular, Crystal (1992, s.v. *polysemy*), por outro lado, não duvida em qualificar como “significações diferentes” [*different meaning*] as diferentes *Lesearten* que um signo polissêmico possa apresentar<sup>9</sup>. Para poder explicar posições teóricas tão divergentes, é necessário considerar o exposto por Casas; Muñoz (1992, p. 145) no sentido de que a polissemia existe somente quando o falante tem a intenção de gerar ambiguidade (como nas piadas, por exemplo), pois, em caso contrário, o que existe é sempre monossemia, ou, dito em termos saussureanos, a única união de um significante e um significado. No que diz respeito à

<sup>7</sup> [Typ lexikalischer Mehrdeutigkeit, bei der man von verschiedenen Wörtern spricht: Homonyme Ausdrücke verfügen über eine gleiche Ausdrucksform hinsichtlich Orthographie (...) und Aussprache bei unterschiedlicher Bedeutung und oft verschiedener etymologischer Herkunft]

<sup>8</sup> Na mesma esteira, Wanzeck (2010, p. 60) é cauta ao assinalar que “dado o fato que a delimitação do conceito de *polissemia* é difícil, considera-se que esse conceito é controverso” [Da die genaue Abgrenzung des Begriffs *Polysemie* schwerfällt, wird er als kontrovers eingestuft].

<sup>9</sup> Um fator que deve ser considerado em relação a esse fato, mas que ainda não conta com uma solução completamente satisfatória do ponto de vista teórico-metodológico, é a tendência a compactar *Lesearten* em uma mesma paráfrase explanatória [*lumping*], ou a decupá-las em várias paráfrases [*splitting*]. Sobre esse particular, cf. Kilgarriff (2008, p. 143).

homonímia, o comentário de Bußmann (1990, s.v.) sobre existir “geralmente” uma origem etimológica diferente como critério para estabelecer um caso de homonímia evidencia também que as fronteiras claras desse fenômeno acabam, em muitos casos, conforme o ponto em que a indagação etimológica acabe. Assim, por exemplo, DRAE (2001, s.v.) lematiza, para o espanhol, as formas léxicas *jet*<sup>1</sup> “turbina de avião” e *jet*<sup>2</sup> “classe social abastada internacional”. Embora *jet*<sup>2</sup> represente uma redução de *jet set* e, portanto, constitua, semanticamente, uma derivação de *jet*<sup>1</sup>, DRAE (2001) apresenta as duas significações decupadas na forma de homonímia.

## SOLUÇÕES POLISSÊMICAS E HOMONÍMICAS DE BASE ETIMOLÓGICA

Em atenção ao exposto nos parágrafos anteriores, é evidente que, além do fato de não haver um consenso real sobre a distinção clara e pertinência dos conceitos de polissemia e homonímia, o tratamento lexicográfico desses fenômenos léxicos nem sempre corresponde à tentativa de descrever um dado fato de norma.

Em função disso, é pertinente distinguir entre duas perspectivas. Por um lado, a possibilidade de descrever lexicograficamente múltiplas *Lesearten* para um mesmo significante, isto é, a existência de polissemia na língua. Por outro lado, existe também a opção de descrever



lexicograficamente duas unidades léxicas que apresentam duas (ou mais) bases etimológicas diferentes que convergem fonológica e/ou ortograficamente de maneira total como consequência do câmbio lingüístico. Nesse caso, está-se perante o fenômeno da homonímia.




Neste ponto, é fundamental que, tanto para os casos de verbetes polissêmicos ou homonímicos, as informações referentes à etimologia permitam ao usuário compreender a razão de aglutinar várias *Lesearten* sob um mesmo lema, ou, ao contrário, a conveniência de se redigir dois (ou mais) verbetes, muito embora o signo-lema represente uma sequência fonológica e ortográfica de convergência total.

## SOLUÇÃO POLISSÊMICA POR BASE ETIMOLÓGICA ÚNICA

É evidente que as escassas informações referentes à etimologia dificilmente conseguem fornecer ao consulente o conjunto de subsídios que permitam compreender o agrupamento de *Lesearten* ou a sua separação em dois (ou mais) blocos. Por essa razão (dentre outras) é que em Bugueño Miranda (2004) se propõe uma expansão significativa da indicação etimológica, convertendo esse segmento informativo<sup>10</sup> no terceiro

<sup>10</sup> Segmento informativo é cada tipo de informação que se dá sobre um signo-lema (cf. BUGUEÑO MIRANDA (2013)).

comentário<sup>11</sup> de um dicionário monolíngue geral, isto é, o comentário etimológico. A função do comentário etimológico é fornecer todas as informações que permitam compreender a mudança linguística de um dado signo, tanto no plano do significante quanto no plano do significado (etimologia história da palavra). *Ad infra*, fornecem-se, primeiramente, exemplos de polissemia (Figura 2):

**enegrecer** [De *e*<sup>3</sup> + *negro* + *-ecer*]  
**V.t.d.** 1. Tornar negro; escurecer; denigrar:  “A umidade enegreceu o papel pintado das paredes” (Cesário Verde, *Obra completa*, p. 226); “Negra, imensa, disforme / Enegrecendo a noite; a desdobrar-se pelas / amplitudes do horizonte, a cordilheira dorme” (Vicente de Carvalho, *Poemas e canções*, p. 53). 2. Difamar, deslustrar, caluniar:  O crime enegreceu sua reputação. **Int.** 3. Tornar-se negro; fazer-se escuro; escurecer(-se); enegrecer-se:  “O dia enegreceu;

**CHAPA** *s.f.* 1. Placa, lâmina de metal, madeira, etc. 2. Placa de vidro, ou plástico, recoberta com uma camada sensível, usada em fotografia. 3. Radiografia. 4. Placa usada em fogão para cozer ou grelhar certos alimentos 5. (NE) Dentadura postiça. 6. Lista oficial de candidatos a cargos eletivos. • **Encad.** Molde para douração na prensa. **Ind. Graf.** Composição tipográfica já corrigida, devidamente preparada para entrar na máquina impressora; peça metálica em que são produzidos os originais para

**NOTE**, *subst. f.*  
Écrit bref permettant de se rappeler qqch., d’informer :  
*Consulter une note; Note de service – Facture : Payer la note. – Appréciation d’un travail : Une bonne note. – Fig. Touche : Une note de colour ; Forcer la note, exagérer. – Mus. Caractère représentant un son ; ce son : Les sept notes de la gamme* [nɔt].

DLFr (1995, s.v.)

<sup>11</sup> Os dois comentários canônicos de um dicionário de orientação semasiológica são o comentário de forma (o conjunto de segmentos informativos do signo-lema enquanto significante) e o comentário semântico (o conjunto de segmentos informativos do signo lema enquanto significado). Cf. Schlaefler (2009, p.83-84).

era noite já” (José de Alencar, *Iracema*, p. 76). 4. *Bras.S.* Ajuntar-se uma multidão (de pessoas, animais, coisas); encher-se. P. 5. V. *enegrecer* (3) [Conjug.: v. *aquecer*].

Au(1999,s.v.)

impressão em offset || Lâmina metálica que, após preparação especial, recebe a gravação. ♦ s.2g. *Pop.* Companheiro, amigo.

LaLP (1992, s.v.)

Figura 2

A análise dos verbetes permite fazer várias constatações. Em primeiro lugar, dos três verbetes transcritos, somente Au (1999) fornece uma indicação etimológica. Curiosamente, LaLP (1992) apresenta na capa como um chamariz uma informação que chama a atenção para o fato de o dicionário “inclui[r] etimologia”. O verbete transcrito, no entanto, não traz indicação alguma. Já no caso de DLFr (1995), esse segmento informativo não está presente. Em segundo lugar, e como comentado já, a indicação etimológica em Au (1999) não é um fato discriminante, conforme os critérios de avaliação de segmentos informativos propostos em Bugueño Miranda; Farias (2006), já que o usuário não tem subsídio algum que lhe permita interpretar as *Lesearten* à luz da indicação etimológica. A situação, aliás, é ainda mais complexa, já que aquilo que foi identificado como indicação etimológica, corresponde, *de facto*, muito mais à decomposição



morfológica do signo lema *enegrecer*<sup>12</sup>. Em segundo lugar, é perceptível a mudança de significação nos três verbetes. S.v. *enegrecer*, as acs. 2 “difamar” e 4 “Ajuntar-se uma multidão (de pessoas, animais, coisas)” constituem uma mudança em relação à ac. 1. Um fenômeno análogo acontece, ainda de forma mais notável, s.v. *chapa* se se comparam as acs. 1 “placa, lâmina de metal, madeira, etc.” e ac. 6: “lista de candidatos a cargos eletivos”, assim como a última (sem expoente numérico): “companheiro, amigo”. Finalmente, s.v. *note* em DLFr (1995), as acepções “*appréciation d’un travail*” e “*caracteres représentant un son*”, por exemplo, não são facilmente deriváveis da primeira ac.: “*écrit bref permettant de se rappeler qqch.*”. Em terceiro lugar, e somente em DLFr (1995), os redatores optaram, embora de maneira assistemática, por assinalar a mudança inequívoca de significação ao denotar esse fato semântico na ac. “*touche*”, através da marca “Fig.” (= figurado). A marca é descritiva, mas não explanatória, no sentido de oferecer algum subsídio que permita compreender tal mudança. Poder-se-ia argumentar que em um espaço tão curto como os verbetes transcritos não há lugar para explicações desse teor e que um dicionário etimológico

<sup>12</sup> Compare-se esse segmento informativo com a indicação etimológica s.v. *ínsula*: “[Do lat *insula*, por via erudita]”. Na realidade, os dicionários ainda não diferenciam de forma coerente entre oferecer informações sobre a origem de uma palavra (“etimologia origem”, embora metodologicamente seria mais proveitosa a opção “etimologia história da palavra”), que corresponde a um fenômeno considerando estados prévios da língua, e a descrição de mecanismos lexicogênicos (derivação, composição, etc.), que corresponde a um estado sincrônico da língua. Dito em outros termos, se confunde etimologia com produtividade morfológica. Dado que os limites pode ser extremamente tênues, parece ser que a tradição lexicográfica optou por empregar exatamente o mesmo segmento para fornecer duas classes de informações diferentes.

poderia fornecer essa classe de informações. No entanto, se o dicionário semasiológico quer cumprir de forma efetiva com a sua tarefa de descrever fatos de norma, parte das suas tarefas é oferecer os subsídios que permitam interpretar as informações oferecidas. Para que se compreenda integralmente a posição defendida nesse trabalho, reproduz-se um verbete extraído de Bugueño Miranda (1998), a propósito de uma discussão sobre falsos amigos (Figura 3):

**explorar** [Do. lat. *explorare*] *VT.d.*

1. Procurar, descobrir (...) 2. percorrer, estudando, procurando (...) 3. Pesquisar, observar, estudar, especular (...) 4. Tirar partido ou proveito de; fazer produzir; cultivar (...). 5. Tirar partido ou proveito de parentesco, amizade, relações com; sugar (...) 6. Tirar partido ou proveito de (um fato, uma situação, etc.) 7. Abusar da boa-fé, da ingenuidade ou da ignorância de; enganar; ludibriar (...) 8. Sondar, perscrutar. 9. *Med.* Examinar ou acompanhar o andamento de (doença) [...]. Cf. *explotar* e *exploráveis*, pl. de *explorável*<sup>13</sup>

Au (1999, s.v.)

**explotar** [Do lat. fr. *exploiter*] *V.t.d.*

*Econ.* Tirar proveito econômico de (determinada área), sobretudo quanto aos recursos naturais [Cf. *explorar*].

Au (1999, s.v.)

Figura 3

Em Bugueño Miranda (2008, p. 23-24), salienta-se que o verbete *explorar* apresenta quatro blocos de significação: as acs. 1 a 3 e 8, as acs. 4 a 6, a ac. 7 e a ac. 9. Interessante é observar a

<sup>13</sup> Por uma questão de espaço, não foram transcritas as abonações do verbete, assim como a conjugação do verbo no pós-comentário de forma e conteúdo.

presença de um pós-comentário de forma e de conteúdo<sup>14</sup> em que há uma remissão ao verbete *explotar*. S.v. *explotar*, por sua vez, há uma remissão a *explorar*. A razão mais plausível para essas remissões recíprocas é que dois dos blocos s.v. *explorar*, só se podem explicar por efeito de um cruze<sup>15</sup> entre *explorar* e *explotar*. Dito em outros termos, o redator percebeu que a polissemia que o lexema *explorar* apresenta precisa ser explicada de alguma forma. No entanto, sem um comentário etimológico apropriado é extremamente improvável que se consiga compreender a razão da variedade de *Lesearten*. Isso comprova que o tratamento lexicográfico de lexemas que apresentam múltiplas *Lesearten* requer, necessariamente, um comentário etimológico.

## SOLUÇÃO HOMONÍMICA POR BASES ETIMOLÓGICAS DIFERENTES

Em relação a verbetes que recebem um tratamento homonímico, fornecem-se três exemplos (Figura 4) advindos das tradições lexicográficas espanhola (DUEAE (2003)), alemã (StGrWtbD (1990)) e inglesa (EngD (1988)).

<sup>14</sup> Um pós-comentário é um espaço optativamente preenchível em um verbete, e reservado a informações complementares dos dois comentários básicos (cf. nota 4). Sobre o conceito de pós-comentário, cf. Farias (2011).

<sup>15</sup> Cf. Bugeño Miranda (2008, p. 24) para detalhes do fenômeno do “cruze”.



**realista<sup>1</sup> adjetivo**

**1** Del realismo filosófico o artístico o relacionado con él: «la novela realista española cuenta con escritores tan importantes como Galdós o Clarín».

**adjetivo | nombre común 2**

[*persona*] Que es partidario del realismo o que lo practica. **adjetivo 3** [obra] Que imita o describe con precisión la realidad, sin esconder sus aspectos más crudos: «pintura realista; una película muy realista». **adjetivo**

**| nombre común 4**

[*persona*] Que actúa de manera práctica y ajustada a la realidad: «sé realista y reconoce tus propias limitaciones».

**adjetivo 5** Que es propio o característico de las personas realistas: «muestra una actitud muy realista».

**ETIMOLOGÍA**

Derivado de *real* que tiene existencia verdadera y efectiva.

**realista<sup>2</sup> adjetivo**

**1** Del realismo o relacionado con la adhesión o

**Dru|se<sup>1</sup> <f.11> 1**

*fiebrhafte, durch Streptokokken verursachte*

*Infektionskrankheit der Pferde (bes. als eitriger Katarrh der oberen Luftwege) 2* (in Magmatitgesteinen)

*Hohlraum, dessen Wände mit Kristallen*

*ausgekleidet sind* [< mhd., ahd. *druos* „Schwellung, Drüse“]

**Dru|se<sup>2</sup> <f.11>**

*Angehöriger einer islamischen Sekte im Libanon, in Syrien und Israel* [nach dem Begründer ihrer Lehre, *ad-Darasi*].

StGrWtbD (1990, s.vs.)

**gore (1) (gôr)**

[A. – S. *gor*, dirt, filth (cp. Icel. *gor*, Dut. *goor*), n. Blood form a wound, esp. thick, clotted blood. **gore-blood**, n. gory, a.

Covered with gore; bloody. **gory-dew**, n. A minute

freshwater alga, *Palmella cruenta*, coating damp walls in shady places with rosy gelatinous patches.

**Goriness**, n.

**gore (2) (gôr)** [A. – S. *gāra*, cogn. with foll.], n. A triangular piece sewed into a dress, a sail, balloon, etc., to widen it out at any part; a triangular piece of land; (*Her.*) a curved abatement cut from a shield, orig. denoting cowardice. v.t. To make into or shape as a gore; to fit with a gore.

**gore (3) (gôr)**

[A. – S. *gār*, a spear (cp. Icel. *geirr*, and perh. O.Ir. *gár*), v.t. To pierce, to stab; to pierce with or as with a horn or horn-like point.

fidelidad al rey.

*adjetivo* | *nombre común* 2

[*persona*] Que es partidario del rey o de la monarquía.

#### ETIMOLOGÍA

Derivado de *real* `del rey, de la reina o de la realeza o relacionado con ellos`.

DUEAE (2003, s.vs)

EngD (1988, s.vs.)

Figura 4

É fácil constatar que, no caso da opção homonímica, parece haver uma clara atenção à dimensão etimológica, na medida em se tenta estabelecer claramente que a opção por verbetes diferentes para unidades léxicas que apresentam uma convergência fonológica e ortográfica total está diretamente relacionada ao fato de virem de bases etimológicas diferentes. Note-se que a ausência tão sensível de informações na indicação etimológica (normalmente é fornecida só a base etimológica), dá lugar agora não só a uma informação do étimo enquanto significante, mas também enquanto significado. S.v. *Druse*<sup>1</sup>, por exemplo, informa-se que a palavra provém do antigo alto alemão, em que significava “glândula”, enquanto que *Druse*<sup>2</sup> provém do nome próprio árabe *ad-Darasi*.

## SOLUÇÕES POLISSÊMICAS E HOMONÍMICAS DE BASE NÃO ETIMOLÓGICA

Nos parágrafos anteriores, constatou-se que a dimensão etimológica constitui um parâmetro de ordenação macroestrutural plenamente válido, sobretudo em se tratando de dicionários gerais de orientação semasiológica. Foi constatado que, sobretudo no âmbito das soluções polissêmicas, o comentário etimológico deixa ainda muito a desejar. No âmbito das soluções homônimas por bases etimológicas diferentes, no entanto, esse comentário é muito mais útil para compreender a lematização por separado de duas formas de convergência fonológica e ortográfica total, mas de bases etimológicas diferentes.

No entanto, existem também várias opções de aglutinamento ou separação de *Lesearten* que prescindem totalmente de considerações de ordem etimológica. A esse conjunto de opções será dado o nome de soluções polissêmicas e homônimas de base não etimológica.

## SOLUÇÃO POLISSÊMICA NÃO ETIMOLÓGICA.

Nesse tipo de solução, opta-se por reunir todas as *Lesearten* sob um único signo-lema, como nos seguintes casos (Figura 5):

**bank** n. 1 a slope, esp. at the side of a river, a raised mass of earth etc. 2 a row of lights, switches, etc. 3 an establishment for

**COSTA.** f. Lo que se paga por una cosa. || Orilla del mar y terreno arcano a ella. || Instrumento de

**GAMA** f. Hembra del gamo. || Cuerno || MÚS. Tabla para enseñar la entonación de las notas. ||



safe keeping of money; a stock or store. • v. **1** build up into a mound or bank. **2** tilt sideways. **3** place money in a bank. **4** (**bank on**) rely on.

OxMiDThW  
(2002, s.v.)

**Man-ga.** F. 1. Parte do vestuário por onde se enfia o braço. 2. Tubo de borracha para condução de água; mangueira. 3. Fruto comestível da mangueira, árvore originária da Índia > [**Man-guei-ra.** f. 1. Grande curral onde se encerra o gado. 2. Tubo de borracha destinado à condução de água. 3 Árvore frutífera.]

DELP (2004, s.v.)

zapatero, para alisar y bruñir. || pl. Gastos judiciales.

SoDIIEsp (1965, s.v.)

**Ball** der; -(e)s, Bäile; **1**) ein rundes Sport- und Spielgerät **2**) Tanzfest

nDWtb(2007, s.v.)

escala musical. || fig. Gradación. Díc. De los colores. || CINEM. Serie de matices, patrón de contrastes y unidad de luces || R.

DESpMod (1979, s.v.)

**fit** (fitter, fittest) *adjective* **1** right or good enough. *The meal was fit for a king.* **2** healthy. *She goes jogging every day to keep fit.* **fit** *noun* **1** the way something fits **2** a sudden attack of an illness or loss of consciousness. *The boy had a coughing fit during the concert.* **3** an outburst. *He hit him in a fit of anger.* **fit** (fits, fitting, fitted) *verb* **1** to be the right size or shape. *The shoes don't fit; they're too small.* **2** to make clothes the right size and shape for somebody. *He had a suit fitted* **3** to put into place. *We had a new lock fitted on the door* **4** to be or make suitable. *The description fits her well.* **fitness** *noun.* **fit in** **1** to feel comfortable among a group of people. **2** to find time to do

something. *We'll fit in an extra lesson before the test.*  
**have someone in fits** to make someone laugh uncontrollably at something.

ChilD (2009, s.v.)

Figura 5

Um fato que resulta evidente ao se ler e comparar os seis verbetes transcritos *ad supra* é que, em geral, salvo o caso de ChilD (2009), trata-se de verbetes com poucas *Lesearten* (como OxMiDThW (2002) e nDWtb(2007)) e com um programa constante de informações (pci)<sup>16</sup> extremamente simples. Em geral, a solução polissêmica se emprega também em dicionários que almejam (justificadamente ou não) cumprir com a função de auxílio no ensino-aprendizagem da língua, como é o caso do SoDIIEsp (1965) e do DELP (2004, s.v.). Opta-se pela mesma solução em dicionários diassistemicamente restritos, como DESpMod (1979, s.v.).

No entanto, a ausência de uma doutrina clara leva a casos como o de ChilD (2009), um dicionário desenhado pretensamente para crianças e no qual a solução polissêmica obedece não somente à não observância de bases etimológicas diferentes, mas também ao fato de se agruparem, no mesmo verbete, categorias morfológicas diferentes que, como é característico da língua inglesa, apresentam idêntica estrutura

<sup>16</sup> Para o conceito de “programa constante de informações” cf. Buguêno Miranda (2009a).

fonológico-ortográfica (*fit*: adjetivo; *fit*: substantivo; *fit*: verbo). Ao anterior, soma-se também o agrupamento de derivados no mesmo bloco (nicho léxico: *fitness*), assim como a lematização de fraseologia (*fit in, have someone in fits*). Nessas condições, a economia da solução polissêmica se perde completamente, já que o verbete é extremamente denso. É para se questionar se o usuário escolar (de ensino fundamental, provavelmente, pelo *layout* do dicionário) conseguiria consultar satisfatoriamente o verbete.

Nos dicionários de aprendizes, há uma certa tendência à adoção de uma solução polissêmica, embora não exista uma doutrina estabelecida a respeito. Citam-se os casos de CCLD (2003) e GDEA (2001) (Figura 6). Em relação a CCLD (2003), a tradição Collins Cobuild é conhecida por oferecer soluções inovadoras, tais como as *whole sentence definitions*<sup>17</sup>. Um outro aspecto em que a tradição Collins Cobuild é extremadamente inovadora é “desonerar” a mancha gráfica que constitui todo verbete, transferindo segmentos informativos à margem do mesmo, e empregando massivamente efeitos de saliência por sistemas semióticos linguísticos ou não. A frequência, por exemplo, aparece representada por um sistema de losangos preenchidos ou não de cor preta. Quanto maior a quantidade de losangos pretos, maior a frequência. As particularidades

<sup>17</sup> Cf. Bugeño Miranda; Farias (2013) para uma análise crítica das *whole-sentence-definitins*.



sintagmáticas dos verbos, por sua vez, aparecem destacadas em itálico. Assim, por exemplo, o verbo *to bark* se constrói com *at* e não como *to\**. Nessas condições, uma solução polissêmica resulta plenamente viável, já que não se sobrecarrega o verbete.

**bark** /ba:k/ **barks**, **barking**, **barked**.

**1** When a dog **barks**, it makes a short loud noise, once or several times. *A small dog barked at a seagull*  
• Also a noun. *The Doberman let out a string of roaring barks.* **2** If you **bark** at someone, you shout at them aggressively in a loud rough voice. *A policeman held his gun in both hands and barked an order.* **3** If you say that someone's **bark is worse than their bite**, you mean that they seem much more unpleasant or hostile than they really are • **be barking up the wrong tree** see **tree**.

**4** Bark is the tough material that covers the outside of a tree.

CCLD (2003, s.v.)

◆◆◆◆  
VERB: V  
V am  
N-COUNT

VERB:  
V am  
V n

PHRASE  
INFORMAL

**cu•co** [kúko] I. *adj.*

**1.** Se aplica a lo que o a quien es muy bonito o atractivo: *Envolvió el regalo en papel celofán y le quedó de lo más cuco.* **2.** Se aplica a la persona que es muy hábil para hacer o conseguir lo que quiere o lo que se propone, con trucos, ardidés o engaños o, en general, de manera poco honesta, y a esa manera de hacer o conseguir algo: *Te digo que es muy cuca, y que con sus mañas conseguirá de ti todo lo que quiera.*

II. *s/m* **1.** Ave cantora y migratoria de la familia de los cucúlidos, de has 35 ó 40 cm de largo, de plumaje pardusco o grisáceo por el dorso y blanquecino con rayas oscuras por el vientre, pico fino, alargado y

ligeramente  
curvado hacia  
abajo y alas y cola  
largas y  
puntiagudas. Se  
caracteriza por el  
sonido peculiar que  
emite  
repetidamente  
como reclamo  
(‘cu’cu’) y por su  
costumbre de  
poner cada uno de  
sus huevos en el  
nido de otra ave  
distinta, para que  
los incube y los críe  
al nacer: *Canta el  
cuco entre las  
ramas verdes.* **2.**  
FIG Personaje  
ficticio y temible  
para los niños, del  
cual se valen los  
mayores para que  
se porten bien y  
obedezcan: Si no te  
duermes, vendrá el  
cuco y te llevará **3.**  
Cesto forrado de  
tela por fuera y por  
dentro, que se usa  
para transportar a  
un bebé: *Dejar al  
bebé durmiendo en  
su cuco, al cuidado  
de una vecina.* **4.**  
Oruga de cierta  
mariposa nocturna,  
de unos 4 cm de  
largo, que tiene los  
costados vellosos y  
moteados de  
blanco, las tres  
articulaciones  
próximas a la  
cabeza de color  
amarillento y el

resto del cuerpo de color pardo, con una franja más clara en el dorso.

5. Insecto coléoptero de cuerpo ovalado y diminuto y de color marrón oscuro. Se alimenta de las semillas de los cereales en que vive, por lo cual resulta perjudicial para la cosecha.

SIN. I. 1. Bonito, lindo, mono coqueto, gracioso. 2. Astuto, avisgado, pícaro, pillo, cuquero. II. 1. Cuclillo. 2. Coco,, ogro, fantasma. 3. Canasto, capazo,, moisés. 4. Cuca. 5. Gorgojo, coco.

ANT. I. 1. Feo. 2. Inocente, ingenuo, cándido. **(Reloj de cucu, cucú (2).**

GDEA (2001, s.v.)

Figura 6

Para o final da seção, foi deixada a solução polissêmica adotada por GDEA (2001). Já foi mencionado que não existe ainda uma doutrina que determine quando optar por uma solução polissêmica. No entanto, a extensão do verbete e a *consultabilidade* [*consultabilité*] (BRAY (1989)), ou seja, a capacidade de executar operações de *escanear* [*scanning*] determinam, em grande medida, se é apropriada a adoção dessa



solução ou não. A extensão do verbete *cuco* demonstra claramente que a amálgama do conjunto total de *Lesearten*, produto de colisões homonímicas<sup>18</sup>, sob um único signo-lema torna a consulta do verbete excessivamente cansativa. A solução adotada é claramente inapropriada.

## SOLUÇÃO HOMONÍMICA NÃO ETIMOLÓGICA DE BASE SEMÂNTICA

A produtividade sêmica de uma dada unidade léxica é ilimitada (polissemia). Desconsiderando as colisões homonímicas *cuco / coco*, elucidadas na nota 17, é possível perceber a vitalidade de mudança semântica a partir de *cuco* “pássaro” em GDEA (2001, s.v. *cuco*). No entanto, é perfeitamente possível também que, embora se possa determinar que as diversas *Lesearten* de uma dada unidade léxica possuam uma única base etimológica, os falantes não consigam estabelecer mais de uma relação de motivação semântica entre uma determinada *Leseart* e a significação etimológica. Nesses casos, opta-se por uma solução homonímica, como acontece em *grève*<sup>1</sup> e *grève*<sup>2</sup> em DPF (1989) (Figura 7):

<sup>18</sup> *cuco* “bonito”, derivação de *cuclillo* “pássaro”; *cuco* “hábil” derivação de *cuclillo* “pássaro”; *cuco* “pássaro”, derivação de *cuclillo* id.; *cuco* “figura que causa pavor”, variante de *coco* id.; etc. Cf. CoromBrve (1987. s.vs. *coco cuco*).

A disposição dos verbetes segue a progressão etimológica. *De facto*, as *Lesearten s.v. grève*<sup>2</sup> derivam todas de *grève*<sup>1</sup> por metonímia<sup>19</sup>. No entanto, entre o significado primeiro de *grève*<sup>1</sup> (ac.1 e 2) e o conjunto de *Lesearten s.v. grève*<sup>2</sup>, não é possível estabelecer já uma relação clara, muito embora a leitura e cotejo das indicações etimológicas nos dois verbetes possa sugerir essa relação. Por outro lado, é necessário reconhecer também que o aparato crítico-etimológico não é claro.

## SOLUÇÃO HOMONÍMICA NÃO ETIMOLÓGICA DE BASE MORFOLÓGICA

Particularmente nos casos em que uma língua permite a mudança de classe morfológica sem recorrer a expedientes morfológicos, como é o caso da língua inglesa<sup>20</sup>, emprega-se, sobretudo no âmbito da lexicografia de aprendizes, uma solução homonímica de base morfológica. Destarte, se criam verbetes para signos-lema com a mesma base etimológica, mas que apresentam categorias morfológicas diferentes.

**witness** 1 /"wItnes/ noun C] 1  
COURT someone in  
a court of law who says what they  
have seen and what they know about  
a crime. The witness was called to the

**reply** verb, noun BrE / rɪˈplɑː /  
NAme / rɪˈplɑː /  
▪ verb ( re • plies , re • ply • ing , re  
• plied , re •  
plied ) 1 [ intransitive , transitive

<sup>19</sup> Para uma análise completa da evolução semântica de *grève*, cf. nDÉtHist (1989, s.v.)

<sup>20</sup> Sobre esse particular, Leech; Deuchar; Hoogenraad (1982, p. 43-44) comentam que o inglês possui a particularidade de apresentar palavras (por exemplo, substantivos e verbos, de idêntica estrutura fonológica e ortográfica) que só podem ser reconhecidas pela sua função, sem que apresentem nenhum expediente morfológico que permita, formalmente, diferenciá-las.

stand. 2 SEE someone who sees an accident or crime. Police are appealing for witnesses to the shooting. . 3 DOCUMENT someone who signs their name on an official document to say that they were present when someone else signed it.

**witness** 2 /'wɪtnes/ verb [T] 1

SEE to see something happen, especially an accident or crime. Did

anyone witness the attack? 2

DOCUMENT to sign your name on an official document to say that you were present when someone else signed it.

CALD (2000)

] to say or write sth as an answer to sb/sth ~ (to sb/sth) (with sth) to reply to a question/an advertisement He never replied to any of my letters. She only replied with a smile. + speech 'I won't let you down,' he replied confidently. ~ that... The senator replied that he was not in a position to comment. 2 [ intransitive ] ~ (to sth) (with sth) to do sth as a reaction to sth that sb has said or done Italy took an early lead but Brazil replied with two goals in the last five minutes. The terrorists replied to the government's statement with more violence.

▪ noun [ countable , uncountable ] an act of replying to sth/sb in speech, writing or by some action.; We had over 100 replies to our advertisement. I asked her what her name was but she made no reply . ( formal ) I am writing in reply to your letter of 16 March. ( BrE ) a reply-paid envelope (= on which you do not have to put a stamp because it has already been paid for) ( BrE ) Morocco scored four goals without reply to win the game.

OALD (2010)

CALD (2000) optou por dois verbetes para *witness*, muito embora, e ao contrário do que acontece com *grève* em DPF (1989), seja perfeitamente possível estabelecer as estreitas relações semânticas entre o substantivo *witness* e o verbo *witness*. Sem dúvida alguma, a razão para se optar pela solução homonímica é oferecer ao consulente aprendiz de inglês um conjunto de informações de maneira didática. No que diz respeito a OALD (2010), a solução adotada comprova claramente as



dificuldades de se lidar com o agrupamento ou fragmentação das informações em verbetes diferentes. Por um lado, e como consequência da clara relação etimológico-semântica da forma *reply* nas suas manifestações morfológicas como verbo e substantivo, desenhou-se um verbete com um único signo-lema, de modo que, da perspectiva estritamente formal, tratar-se-ia de uma solução polissêmica por base etimológica única, segundo os critérios estabelecidos *ad supra*. Por outro lado, é perceptível o emprego de um indicador estrutural não lingüístico (▪) com o objetivo de salientar, ao mesmo tempo, a mudança de classe morfológica.

## CONCLUSÕES

No início do trabalho, destacou-se, por um lado, que os fenômenos lexicológicos tanto da polissemia como da homonímia não encontram um consenso na literatura, na medida em que, dependendo da perspectiva teórica assumida, se aceita ou não a sua pertinência lingüística. Por outro lado, as soluções lexicográficas polissêmicas e homonímicas nem sempre correspondem ao *desideratum primum* de um dicionário, que é o de oferecer *facta linguistica*, ou, dito em termos coserianos, fatos de norma.

Do ponto de vista lexicológico, a velha discussão sobre se é possível (ou não) a existência de várias *Lesearten* ligadas a um

mesmo significante, ou se as colisões homonímicas são efeitos indesejáveis (embora reais!) do câmbio linguístico, condiciona já fortemente o ato de interrogação da linguagem quando pensada tanto diacrônica como sincronicamente.

Do ponto de vista lexicográfico, constata-se que a questão é ainda mais complexa, na medida em que os argumentos formais (filológico-etimológicos, na verdade) se contrapõem a duas classes de evidências diferentes entre si, mas que acabam confluindo no terceiro e fundamental tripé do fazer lexicográfico: o consulente. Os lexicógrafos se deram conta de que, embora seja perfeitamente possível estabelecer uma filiação única para muitas *Lesearten*, a mudança linguística leva a que muitas delas pareçam não ter nenhum tipo de elo (ou motivação) entre elas; por isso, é didaticamente aconselhável estabelecer blocos separados de paráfrases explanatórias. Destarte, decupam aquilo que geneticamente deveria estar junto. Ao revés, por razões didáticas também, juntam aquilo que geneticamente deveria estar separado. É necessário reconhecer que muitas dessas decisões são muito mais produto da lexicografia prática que da lexicografia teórica.

Por isso, dentre as (tantas) tarefas de uma teoria metalexigráfica, uma delas é sentar as bases para soluções polissêmicas e homonímicas que obedeçam a algum princípio.

## BIBLIOGRAFIA

### Dicionários citados

Au (1999). FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CALD (2000). *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*. Cambridge: CUP.

Child (2009). GRISEWOOD, John; MORRIS, Neil; MORRIS, Ting. *Children's Dictionary*. Develop your English language skills and vocabulary. Bath: Parragon.

CCLD (2003). *Collins Cobuild Learner's Dictionary*. Concise Edition. Glasgow: Harpers Collins.

DELP (2004). SANTOS, Volnyr (coord.). *Dicionário Essencial da Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Rigel.

DEspMod (1979). Alonso, Martin. *Diccionario del español moderno*. Léxico modernísimo para el despacho del profesional, la oficina, la Universidad y el hogar. Madrid: Aguilar.

DLFr (1995). *Dictionnaire de la langue française*. Plus de 40000 sens, emplois et locutions. Paris: Le Éditions de la Connaissance.

DPF (1989). AMIEL, Philippe (dir.). *Dictionnaire pratique du français*. Paris / Berlin / München : Hachette / Langenscheidt.

DRAE (2001). Real Academia Española. *Diccionario de la Lengua Española*. Madrid: Espasa-Calpe.



DUEAE . *Diccionario de Uso del Español de América y España*.

Barcelona: Vox, 2003.

EngD (1988). *English dictionary*. The concise one volume reference book of the English Language. München: Orbis Verlag.

GDEA (2001). SÁNCHEZ, Aquilino (dir.). *Gran Diccionario del Español Actual*. Madrid: SGEL.

Hou (2001). HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

LaLP (1992). *Larousse Cultural Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural.

nDEtHist (1989). DAUZAT, Albert; DUBOIS, Jean; MITTERAND, Henri. *Nouveau Dictionnaire Étymologique et Historique*. Paris: Larousse.

OALD (2010). *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: OUP.

nDWtb (2007). GÖTTERT, Karl-Heinz. *Neues Deutsches Wörterbuch*. Köln: Helmut Lingen.

OxMiDThW (2002). *Oxford Mini Dictionary Thesaurus & Wordpower Guide*. Oxford: OUP.

SoDIIEsp (1965). *Sopena Diccionario Ilustrado de la Lengua Española*. Barcelona: Sopena.

StGrWtbD (1990). Störig. *Großes Wörterbuch der deutschen Sprache*. München: Parkland.

## Referências bibliográficas

BALDINGER, Kurt. *Teoria semântica*. Hacia una semántica moderna. Madrid: Alcalá, 1977.

BRAY, Laurant. Consultabilité et lisibilité du dictionnaire: aspects formels. In : HAUSMANN, Franz-Joseph ; REICHMANN, Oskar ; ZGUSTA, Ladislav; WIEGAND, Herbert Ernst (Hrsgn.). *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie I. Berlin / New York: de Gruyter , 1989, p. 135-146.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Balanço e perspectivas da lexicografia. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 32/2, p. 15-37, 2013.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Sobre a microestrutura em dicionários semasiológicos do alemão. *Contingentia*. Porto Alegre, v. 4, p. 60-72, 2009a.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. *Alfa*. Revista de lingüística. São José do Rio Preto, v. 53, p. 243-260, 2009b.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. O dicionário como reflexo da língua. *Expressão*, Santa Maria, v. 11, p. 97-105, 2007.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. La etimología en el diccionario de la lengua. *Revista Letras* . Curitiba v. 64, p. 173-188, 2004.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Sobre algunos tipos de falsos cognados. *Anuario brasileño de estudios hispánicos*. São Paulo, v. VIII, p. 21-27, 1988.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix; FARIAS, Virginia. Teorías semánticas y definición lexicográfica. Análisis de las paráfrasis explanatorias en los diccionarios generales de lengua española. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 32/2, p. 183-225, 2013.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix; ZANATTA, Flávia. Procedimentos medioestruturais em dicionários semasiológicos de língua portuguesa. *Lusorama*. Frankfurt am Main, v. 83-84, p. 80-97, 2010.

CoromBreve. COROMINAS, Joan. *Breve diccionario etimológico de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1987.

BUBMANN, Hadumod. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1990.

BYNON, Theodora. *Historical linguistics*, Cambridge: CUP, 1993.

CASAS, Miguel; MUÑOZ, María Dolores. La polisemia y la homonimia en el marco de las relaciones léxicas. In: WOTJAK, Gerd (comp. y ed.). *Estudios de lexicología y metalexigrafía del español actual*. Tübingen: Niemeyer, 1992, p. 134-158.

CRYSTAL, David. *An Encyclopedic Dictionary of Language and Languages*. London: Pinguin Books, 1992.



FARIAS, Virginia. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. Porto Alegre, v. 9, p. 109-139, 2011.

GLÜCK, Helmut (Hrsg.). *Metzler Lexikon Sprache*. Stuttgart: J.B. Metzler, 2010.

KILGARRIFF, Adam. I don't believe in word senses. In: FONTENELLE, Thierry (ed.). *Practical lexicography. A reader*. Oxford: OUP, 2008, p. 135-160.

LEECH, Geoffrey; DEUCHAR, Margaret; HOOGENRAAD, Robert. *English Grammar for Today. A new introduction*. London: Macmillan, 1982.

SCHLAEFER, Michael. *Lexikologie und Lexikographie. Eine Einführung am Beispiel deutscher Wörterbücher*. Berlin: Erich Schmidt, 2009.

ULRICH, Winfried. *Linguistische Grundbegriffe*. Berlin / Stuttgart; Gebr. Borntraeger, 2002.

WANZECK, Christiane. *Lexikologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2010.

WARTBURG, Walther von. *Evolución y estructura de la lengua francesa*. Madrid: Gredos, 1966.